

humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS




HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



JOÃO PEDRO MENDES

Universidade de Brasília

DA MAGIA NA ANTIGUIDADE

As fronteiras entre os domínios do racional e do sobrenatural eram extremamente imprecisas na antiguidade. Remontam ao mundo indo-ariano as primeiras fabulações a respeito da magia, ou seja, a religião dos magos, que eram confundidos com os sacerdotes persas e medos da religião de Zoroastro, também denominados pelos gregos e romanos de *caldeus*. Conta-nos Heródoto que os magos («mágoi», «goetes») iranianos se consagravam a práticas divinatórias, médicas e astrológicas. A tradição atribuía aos sábios da Caldeia o dom de estabelecer relações entre os movimentos dos astros e os fenómenos ocorrentes tanto nos céus como na terra.

Na verdade, em torno dessa verdadeira casta de entendidos nas coisas ocultas ao comum dos homens, criou-se desde cedo uma autêntica aura de prestígio que se traduzia em veneração, a um só tempo respeitosa e temida. Na literatura romana, os segredos da magia e da adivinhação são sempre atribuídos aos caldeus. De facto, a casta dos magos da Caldeia — pois de verdadeira casta se tratava, com vínculos que se pretendia remontarem aos primórdios da civilização sumero-acadiana — arrogava-se a posse de fórmulas e conhecimentos secretos, que exercitavam principalmente nas práticas divinatórias e médicas, além das astrológicas. As segundas tinham vasta aplicação nos casos de epilepsia e distúrbios da mente («endemoninhados»). Os magos eram chamados de *ashipu* e *mashmashu* («exorcistas») e cultuavam como sacerdotes o deus Ea, de Eridu, e seu filho Marduk, de Babilónia. Segundo a crença geral, os feiticeiros causavam malefícios e concitavam os demónios contra os homens, tendo os magos a missão de neutralizá-los com exorcismos e encantações.

O culto dos mortos, de que inúmeros «livros» chegaram até nós, preservados com as múmias, tem, no Egipto antigo, sua origem no reino da magia, que imperava sobre a vida e sobre a morte. Havia ali duas espécies de magia: a lícita e a ilícita. Com seu exercício buscava-se quer o domínio das forças da natureza, quer a concessão pelos espíritos do que desejassem. Um complexo ritual, que incluía o uso de amuletos e encantações, era tributário de experiências e saber acumulado e visava a protecção contra animais venenosos e ferozes, bem como a prevenção de moléstias e calamidades. Alguns de seus princípios constituíam o rudimento de uma verdadeira ciência.

Entre os hebreus, a magia está documentada, por exemplo, na erecção da serpente de bronze que Iavé ordenou a Moisés, para curar da mordedura desses répteis os castigados filhos de Israel que a olhassem. O livro dos *Números* igualmente relata a actuação do adivinho e mago Balaão, cujos poderes ocultos são requeridos por Balac, rei de Moab, a fim de deter os avanços dos israelitas por seu território.

Seja ou não originária da Pérsia, a magia adquiriu os contornos e a substância que a erigiram em saber e poder aos olhos dos povos num vasto âmbito, que ia do misticismo individual e colectivo ao reino das sombras da morte, dos segredos por detrás dos fenómenos naturais, como terramotos, eclipses, chuva, sol e tempestades, ciclo das estações, geração e destruição de animais e plantas, alterações climáticas e ocorrências meteorológicas. Tudo estava imerso em névoa espessa e era permeado pelo medo. Lucrécio reverencia Epicuro como um deus, por haver exilado das mentes humanas os terrores que as oprimiam, desvendando os segredos dos deuses e das coisas escondidas, mostrando que tudo era fruto da ignorância; as fronteiras desta recuam à medida que avança o conhecimento.

O homem primitivo, ainda ignaro de sua independência e autonomia em relação à natureza, à qual não contemplava como objecto e sim como a si mesmo no interior de um espelho côncavo, jamais admitia, como totalmente impensável, intervir nas leis ou fenómenos naturais. À medida, porém, que ia adquirindo a noção da sua identidade contraposta ao mundo circunstante, foi acalentando o desejo, feito de curiosidade e ambição de poder, de penetrar e interferir nessas leis e nesses fenómenos. A magia surgiu com as práticas ingénuas e ocultas que pretendiam produzir efeitos contrários ou calculados de derrogação de tais leis da natureza. No decurso dos tempos, instituíram-se, por assim dizer, dois tipos de magia: a *branca*, ou arte de produzir deter-

minados efeitos aparentemente maravilhosos, mas que, observados com atenção, se devem apenas a causas naturais; a *negra*, apanágio de certos indivíduos que pretendem obter efeitos sobrenaturais graças à intervenção de espíritos, em especial maléficos. O pressuposto originário parece ser o raciocínio elementar segundo o qual as mesmas causas surtem efeitos idênticos, e agir sobre a parte equivale a agir sobre o todo. Isto se comprova, entre outras coisas, pelo achado de objectos, como o célebre fígado de Piacenza, que exhibe em seus bordos a compartimentação microcós mica do macrocosmos. Esses compartimentos, marcado cada um por uma letra ordenada do alfabeto etrusco, serviam aos adivinhos («áugures», «harúspices») para referência do que se passasse na abóbada celeste, em termos de fenómenos meteorológicos ou de voo de aves. Os feitiços exercidos sobre a imagem ou outra representação de um objecto, animal ou indivíduo sobre o qual se pretende agir, assim como as fórmulas invariáveis e impositivas dos exorcismos, outra coisa não são que a aplicação desses princípios subjacentes às artes mágicas. O mesmo vale nas práticas divinatórias e ocultistas da «aritmancia» e da «onomatomancia», que eram reservadas a iniciados em virtude de pressuporem conhecimentos de cálculo nonal e monadário.

A adivinhação pelos números chegou a ser praticada para avaliação do carácter, energia e moralidade de uma pessoa, e até mesmo para descobrir desonestidades, furtos e outros crimes. Contudo, as consequências mais funestas de tais práticas estavam no facto de se pretender traçar, com esses cálculos, a predestinação da pessoa. Devido a seus nomes próprios, o destino (*moira*) impunha que Pátroclo vencesse a Sarpédon, Heitor a Pátroclo, Aquiles a Heitor. A Idade Média foi exuberantemente fértil em práticas desse género. Um dos magos mais famosos foi Agripa de Nettesheim, discípulo de outro famigerado conhecedor das ciências ocultas, o abade Trithème. Em seu tratado «Sobre a Oculta Filosofia» muito se interessaram Descartes e seu amigo Beckmann, mormente na parte reservada à Cabala, onde ressuma forte influência das ideias pitagóricas e se casam admiravelmente a metafísica numerológica de Nicómano de Gerasa e as correspondências harmónicas de Platão (sobretudo no *Timeu*). Suetónio transmite-nos um epigrama contra Nero segundo o qual, no próprio nome do imperador, estava indelevelmente inscrito seu destino de matricida. Era a técnica da «isopsefia», no grego, ou «gematria», no hebraico. Consistia em designar-se um individuo pelo número obtido com a soma dos algarismos correspondentes às letras do seu nome. Numa parede das ruínas de Pompeia, o número grafitado por um jovem enamorado

representa seguramente o nome de sua amada: «amo o número dela 545». Em Feras, cidade da Tessália, lê-se num epitáfio: «Procura e saberás quem sou eu, que jazo no chão que me nutriu: eu sou 1354». Observe-se que tanto o grego como o hebraico não possuíam sinais próprios para os números, recorrendo às letras do alfabeto em sua sequência habitual.

Houve autênticas obsessões colectivas pelas equações mágicas de cunho sibilino, quer entre os povos semitas quer entre os helénicos. Pululavam os criptogramas e os acrósticos, que o proselitismo religioso eivado de superstições difundia pelo mundo conhecido, sendo amiúde utilizados pela propaganda política dos governantes.

Nos primeiros séculos da era cristã, foi marcante a tendência para o misticismo, que beirava o ocultismo de cariz oriental e egípcio. As numerosas seitas gnósticas de fundo eclético relacionavam-se com a Cabala, o neoplatonismo e as religiões orientais. O número era usado para estabelecer significações gemátricas de alcance transcendental. Por exemplo: *Neilos* (Osíris) = *Meithras* (Mitra) = *Hágion ónoma* (Nome sagrado) = 365. O tão celebrado alfa-omega do Apocalipse era posto em sinonímia com *Peristerá* (Pomba-Espírito Santo) = 801. O «número de homem» do último livro do Novo Testamento não se referiria a número cujo cálculo está ao alcance do homem, mas à sua equivalência a um nome de homem, ao nome real do chefe dos inimigos do cristianismo. No fundo do pensamento joânico, assim como no dos fiéis a quem se dirige, estaria figurado o império romano e tudo quanto representava de hostil a Cristo: religiões, deuses, divindade imperial, além do amálgama de credices e práticas bizarras, próprias e importadas, num cortejo de potências que o evangelista visava como sendo o maior obstáculo à conversão dos povos. O número 666 constituiria, portanto, uma gematria bem conhecida das comunidades asiáticas de cristãos para simbolizar as forças e autoridades político-religiosas do mundo pagão, contra as quais frontalmente se chocava o novo misticismo da religião emergente. Várias foram as tentativas de decifrar o verdadeiro nome oculto. No séc. II já se perdera a hermenêutica real do número apocalíptico. Irineu de Lyon (nascido na Ásia Menor) propôs *Teitan*, um dos epítetos de Apolo, que reinaria com Saturno na volta da idade de ouro anunciada pela Sibila; outra hipótese dele seria *Eyandas*, sobrenome de Dionísio. Eusébio de Cesareia, fundador da história das religiões, e Hipólito, adversário como Irineu das seitas gnósticas, interpretavam o enigmático número como referido a *Lateinos*, rei de Lavínio, herói epónimo dos latinos, simbolizando a realeza satúrnica, sonho dourado do império

romano de Augusto. Clemente de Alexandria sugeriu *Ê Latinē Basileia*, «A realza latina». Tudo isto em nome das pretensas equivalências numerológicas das letras do nome.

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO

Entre os filósofos pré-socráticos, Empédocles teve a fama de mago. Nascido no começo do séc. V a.C. na Magna Grécia — pólo ocidental da filosofia grega, contraposto em muitos sentidos ao da Jónia —, conheceu seguramente o pitagorismo e o heraclitismo, mas o que maior reputação lhe granjeou foi o pendor místico e taumatúrgico derivado de correntes religiosas como o culto dionisíaco. A este culto se prendem certas práticas de exorcização e cura de doentes, exercidas por alguns iluminados que se apresentavam como profetas e intérpretes do deus. Em certos casos, redigiram textos purificatórios (*katharmoi*), que preparavam a cura e o ingresso no caminho das riquezas. O mago reconhece-se diferente do seu semelhante e proclama altivamente:

Eu venho a vós como um deus imortal, não já como mortal. Vagueio honrado entre todos — este o conceito que mereço — adornado com as fitas da vitória e coroas floridas.

Empédocles, *Purificações*, frag. 112 Diels.

Peregrino em terra estranha, o mago passou por sucessivas transmigrações e, durante a ronda dos corpos, obteve conhecimento directo do eterno ciclo dos seres. É para esse conhecimento que apela:

*Porque eu já fui rapaz e fui donzela,
fui planta, e ave, e um peixe mudo que pula sobre
as ondas.*

Idem, *Ibid.*, frag. 117 Diels.

Revela desse modo deter o segredo das ligações e interdependência de todos os elementos cósmicos. Assim ele se impõe e captura a adesão e a crença dos ouvintes, receptivos ao sortilégio do seu saber e, sobretudo, dos seus poderes.

Ao longo das idades, foi-se constituindo um *corpus* que amalgama práticas rituais e emoção místico-religiosa, medos, superstições e credências de toda a espécie. Esse conjunto heterogéneo e quase sempre incoerente é habilmente colocado a serviço do prestígio do mago,

que o manipula de molde a induzir temor e respeito mediante a inculcação de que sua força obriga o sobrenatural a dobrar-se às suas operações demiúrgicas e a alterar a ordem cósmica dos elementos.

Detenhamo-nos um pouco mais na figura estranha do filósofo de Agrigento. A fama popular teceu em seu redor uma série de prodígios abonadores de sabedoria e força. A peste assolava uma cidade vizinha. Pagou do seu bolso a drenagem do pântano que, segundo ele, exalava os miasmas aterradores. A «peste», suspeitamos nós, bem poderia ser uma ipedemia de malária, cuja erradicação só é possível pelo enxugamento das águas paradas que incubam, como ainda hoje, o anofelino transmissor. Os habitantes guindaram-no ao nível dos deuses. Outro portento que lhe foi atribuído consistiu na alteração climática que teria provocado mediante o emprego de peles de jumento para desviar os ventos etésios que irrompiam num desfiladeiro próximo em torvelinho, na época das colheitas. Contudo, a máxima reputação de Empédocles adveio-lhe dos seus feitos no terreno do curandeirismo. Correu a nova de ter reanimado uma cataléptica, apneica havia trinta dias. Para tanto, detectou um ponto de calor no corpo da mulher e usou certamente a técnica da massagem. Certa feita, recitando o texto da *Odisseia* (IV, 221 ss.) em que se descreve o efeito analgésico e dissipador (*nepenthés*) do sofrimento e da indignação de uma droga que Helena misturou ao vinho servido a Telémaco e Pisístrato, conseguiu apaziguar a ira de um filho que violentamente increpava o juiz que condenara seu pai à morte. Era o recurso à prática amplamente difundida na Grécia arcaica de cura pela palavra e pela música. Esse poder taumátúrgico do verbo era apanágio do mago. No citado passo de Homero, diz-se que Helena possuía tais drogas «eficazes, de sábia invenção» porque lhas dera Polidamna, a egípcia.

Hölderlin e Nietzsche ficaram vivamente fascinados com a lenda do trágico destino de Empédocles segundo a qual, para obter a purificação absoluta, se atirou na cratera do Etna, voltando desse modo ao seio telúrico da mãe natura e ao vórtice incessante do ciclo vital de todos os seres. A atmosfera de mistério que nimba a frente do mago seduz as imaginações do poeta e do filósofo, que o aureolam da condição supramortal (herói romântico possuído pela angústia das distâncias e pelo desejo de infinito; homem «agonal» em que se defrontam o tempo do *mythos* e do orgasmo e o tempo racionalista do *logos*). A célebre teoria freudiana de que o mundo é a arena onde se digladiam os instintos da vida (*Eros*) e os da morte (*Thánatos*) igualmente se inspira no personagem fabuloso de Empédocles.

A MULHER E A MAGIA

Não obstante as referências da tradição quase sempre se endereçarem à figura masculina do mago, são duas mulheres que, na antiguidade clássica, ocupam o fastígio da magia mítica: a feiticeira Circe, que transmutou os companheiros de Ulisses em porcos graças ao efeito dos «lívidos venenos» que lhes serviu na bebida, e, mediante fricção com outra droga, os restituiu mais jovens, altos e belos à condição humana: e Medeia, a bárbara esposa de Jasão que, na tragédia de Eurípides, aplica no *peplos* e na coroa de Creusa, filha de Creonte, as drogas letais que atingirão a rival e a quem dela se aproximar. Nas tragédias de Séneca e de Corneille, elaboradas segundo o modelo euripídico, a magia desempenha um papel bem mais acentuado.

A figura de Medeia é associada na lenda ao ciclo dos Argonautas e era, a princípio, uma fada-madrinha, protectora dos navegantes, e só mais tarde foi convertida em sacerdotisa bárbara dada à magia negra. Apaixonada por Jasão, ministrava-lhe conselhos e filtros de sua invenção. Tendo fugido com os Argonautas, matou o próprio irmão e lançou seus membros ao mar, a fim de retardar os perseguidores. Após a chegada, rejuvenesceu o sogro cortando-lhe o corpo em pedaços, que logo ferveu. Posteriormente, depois de deixada pelo marido, que a trocara por Creusa, vingou-se de ambos degolando os filhos que tivera com Jasão e evadindo-se para Atenas, onde se casou com o rei Egeu e tentou envenenar Teseu com suas artes, das quais também se serviu para curar a loucura de Hércules.

* * *

Na mentalidade helénica arcaica existem indícios de que, entre os homens e os deuses, se acreditava haver uma categoria de seres intermediários, os «demónios», que podiam ser bons ou maus. Era sobre eles que se exerciam as práticas da magia, a fim de dobrá-los à vontade do operador. A literatura fala-nos dos Telquinos (seres anfíbios, com a parte inferior do corpo pisciforme, dotados de «mau-olhado», que um dia, por inveja, inundaram com água da lagoa infernal do Estígio a ilha de Rodes, para torná-la estéril, usando de seus poderes sobre os fenómenos atmosféricos); dos Curetos (sacerdotes de Cibele); e dos Dáctilos (génios criadores do artesanato, inventores dos ritmos musicais e que escandiam o bater do ferro na bigorna, donde o ritmo «dactílico»). Todos eles detinham o formidável segredo do futuro e

dos encantamentos capazes de sarar as doenças do corpo e da mente. O próprio Orfeu era tido por criador dos rituais divinatórios e mágicos, ele que, ao som da lira que inventara, arrastava pedras, animais e plantas atrás de si, num frenesi irresistível.

Corria a fama entre os helenos de que Pitágoras, Demócrito, Epiménides e o próprio Platão viajaram ao Egipto e à Caldeia, e ali permaneceram o tempo de serem iniciados nas doutrinas dos magos e as trazerem à Grécia.

Nas civilizações grega e romana, a magia era tida como prática importada dos «bárbaros» orientais e, por isso, os seus apelos iam para deuses forâneos. Mas a Grécia teve também a sua deusa nacional, ignorada dos poemas homéricos, devendo ter sido introduzida no panteão muito mais tarde, vinda da Trácia e associada ao orfismo, uma das religiões helénicas de mistérios. Era uma divindade lunar, subterrânea e marinha, de tríplice forma. Depositavam-se oferendas em seus altares ao termo do mês lunar. Enquanto para os marinheiros ela era uma deusa tutelar, aos homens comuns enviava os terrores da noite, com os seus fantasmas e assombrações. A effígie presente no santuário de Esculápio em Epidauro testemunha da sua vinculação às práticas médicas, hoje arqueologicamente documentadas. No império romano, cresceu o culto a Hécate Trívia, protectora das encruzilhadas, onde era colocada a sua imagem, sendo celebrada principalmente como deusa dos sortilégios da magia infernal.

A MAGIA EM ROMA

Foi no período imperial que Roma acolheu todo o tipo de superstições e religiões exóticas de proveniência egípcia e oriental. Os imperadores mandaram buscar magos de nomeada e escutavam religiosamente os seus vaticínios. Não obstante, Tibério (que tinha Trasilo como astrólogo privativo) expulsou, de uma só vez, quatro mil libertos para a Sardenha, acusados que eram de praticar astrologia e rituais secretos de magia. Dois deles que se distinguiam mandou executá-los em público.

A afluência a Roma e sua ávida absorção de tudo quanto, nos povos submetidos, despertava a curiosidade e parecia preencher o vazio interior dos donos do mundo, começou verdadeiramente após a segunda guerra púnica. Foram sobretudo os intelectuais e os poetas que se deixaram seduzir e seduziram os outros com as novidades que apontavam para uma espécie de teologia astral, a que o princípio da

«simpatia (*analogia*, na terminologia latina) universal» emprestava foros de abertura cósmica. Nos reinos helenísticos circulava uma poderosa onda de especulações mágico-filosóficas que espicaçava a sofreguidão romana por tudo o que era insólito e exótico.

No século I a.C., declara Cícero que todos (os eruditos) em Roma «pitagorizavam». Decerto que o próprio estava incluído, ele que fez algumas viagens secretas a Cortona e Metaponto, locais «sagrados» dos pitagóricos. Um seu amigo, Púbico Nígídio Fígulo, estabeleceu a primeira associação conhecida de neopitagóricos. Partidário de Pompeu, foi exilado por César. Informa-nos São Jerónimo que ele, «pitagórico e mago», morreu no exílio. Todavia, essa punição não se deveu a questões filosóficas ou religiosas, pois os praticantes dos cultos exóticos de Ísis, Osíris, Deméter, Cibele, Serápis, Mitra, etc. desfrutavam da máxima tolerância das autoridades — mas a problemas atinentes ao carácter secreto da organização, tal como a dos «collegia» de artesãos, extintos pelo ditador. Ao lado dos neopitagóricos enxameavam Roma os académicos, os estóicos, os epicuristas, os sincréticos, os peripatéticos, e todos eles, em maior ou menor grau, participavam daquela associação secreta. Antes deles, já Varrão, o maior teólogo do paganismo romano, deixara como sua última vontade, transmitida por Plínio o Velho, ser sepultado, conforme o ritual pitagórico, num ataúde de terracota, sobre um leito de folhagem de mirto, oliveira e álamo-preto.

Lúcio Apuleio, no séc. II d.C., teve de escrever uma *Apologia* para defender-se contra a acusação de dedicar-se às artes mágicas. Aliava à sua paixão pela ciência e pela filosofia o gosto pelos mistérios religiosos greco-orientais. Teve a dita de encontrar um corpo de juízes cultos e abertos, o que lhe valeu a absolvição.

Os romanos tiveram em seus vizinhos e primeiros senhores — os etruscos — os grandes incentivadores do seu pendor para a magia e as práticas da adivinhação. A sua mentalidade originária era de pastores e agricultores presos à terra. Não admira que os primeiros vestígios da sua atitude mágica se relacionasse às coisas agrárias, como a do camponês de todos os tempos. Na Lei das XII Tábuas comina-se uma severa pena «àquele que transportou por magia uma colheita para o seu campo». Nas obras de Catão, Varrão e Plínio o Velho, são muitos os exemplos de recurso a fórmulas mágicas para obter curas de animais e escravos, e também para que o tempo seja propício às fases da lavoura, da sementeira e da colheita. Mas foi com os etruscos que os romanos aprenderam formas mais rebuscadas de magia. Havia a corporação dos harúspices, de origem nobre, cujo papel «oficial», após exame das entranhas dos animais sacrificados, era proferir o agouro,

ou indicação das cerimónias expiatórias para conjurar o desagrado dos deuses expresso por determinados indícios funestos. Essa hermenêutica, além de sobre as vísceras exerciam-na também sobre o raio o relâmpago, o estado do céu e os tremores de terra.

Mais importante que a corporação dos harúspices foi em Roma o grande *Colégio* dos áugures, que chegou a ter poderes de paralisar o governo mediante a emissão do «augúrio» que declarava a oposição dos deuses à reunião da assembleia. Por isso, o acesso ao augurato constituiu uma das principais reivindicações da plebe para libertar-se do domínio dos patrícios. O áugure tirava os presságios ou vaticínios do canto e do voo dos pássaros, dos movimentos e atitudes de quadrúpedes e répteis, bem como do apetite dos frangos sagrados, que ele mantinha em confinamento, com ou sem comida, a seu arbítrio. Cícero, em seu tratado «Da adivinhação», retoma o dito sentencioso de Catão — «Dois áugures não podem se olhar sem rir» — para fustigar a impostura e o charlatanismo da pretensa ciência desses personagens.

* * *

Como ressonância longínqua, mas permanente na ronda da idade, quero evocar em dois despreziosos apontamentos relacionados com o tema deste pequeno trabalho as lembranças de aula que marcaram a acção e o magistério de quem aqui, a justíssimo título, homenageamos. Tanto como de erudição e cultura, as suas lições eram plenas de calor humano que irradiava dos factos de ciência, produzindo uma adesão profunda e espontânea e comprometendo intenções e projectos de vida. Um simples radical, uma insuspeitada formação filológica projectavam no quadro negro e nas mentes dos alunos presos à magia das suas palavras todo um universo de relações que entretecem o agir e o sentir dos povos e dos indivíduos.

OS ETRUSCOS

O primeiro e breve apontamento reporta-se aos etruscos e ao seu apego acentuado à vida, aliado ao intenso amor do luxo. No confronto de palavras da sua língua misteriosa com estranhas formas do vocabulário dos latinos, quanta alusão histórica, quantas inferências de usos, comportamentos, caracteres, modos de viver e sentir, concepções de vida e morte! Toda uma teia envolvente de laços a estabelecerem nexos e explicações que a mera colecta e seriação de factos de civilização deixariam vazios, incompreensíveis e estéreis. Ter-mos como *vernaculus*, *nepos*, *populus*, *plebs*, *urbs*, *orbis*, *mundus*, *haruspex*,

hariolus, latro, leno, tirocinium, miles, satelles, histrio, ludio, subulo, famulus/familia, seruus, spurius, idus, aprilis, autumnus, etc., etc., — quase todos seguramente de matriz etrusca — demonstram o papel relevante que essa língua desempenhou na formação do léxico latino, a par da influência decisiva na religião, na política, na vida social, no calendário, na onomástica e nas artes. Atenhamo-nos, porém, ao nosso tema.

Já acima se aludiu ao fígado de bronze achado em Piacenza e que era utilizado na adivinhação. Nos bordos exhibe uma demarcação de sectores numerados com as letras do alfabeto, correspondendo cada qual a uma divindade que aí presidia. O céu era dividido em quadrantes, nos quais se projectavam os equivalentes terrestres. O sacerdote seccionava o espaço celeste (cf. *caelum*, do verbo *caedo*, ‘cortar’; e *templum*, cf. verbo grego *temno*, ‘cortar’). O acontecimento mais importante havido no quadrante era a passagem de uma ou mais aves, cuja interpretação era exclusiva do *auspex* ou *augur*. Os romanos, tal como os etruscos, tomavam os auspícios voltados para o Sul, ficando, portanto, o Oriente do lado esquerdo; o bom presságio era o vindo do Nascente. Do lado onde o sol se esconde, região de trevas, provinham os maus agoiros. Somente no período clássico, com poetas como Horácio, Virgílio e Ovídio, as coisas se inverteram: *sinister* (cf. o português *sinistro*), ‘esquerdo’, passou a ser, tal como hoje para nós, o lado desfavorável. A razão disto foi a imitação da maneira grega de tomar os auspícios, a qual consistia em o sacerdote se virar para o Norte, deixando o Oriente, por conseguinte, do lado direito.

No universo religioso dos etruscos pairava a sombra da morte, que temperava a euforia e o optimismo de viver. Contudo, essa visão do além materializavam-na no culto à beleza, patente nos túmulos recheados de adereços, espelhos e outros objectos votados ao esmero da aparência, à «Forma», ou seja, à perfeição da beleza física (cf. *morphê* dos gregos). No além-túmulo acreditavam levar uma vida desditosa, em tormentos infligidos por demónios cruéis. Todavia, esta concepção foi mais arraigada na fase declinante do império, séc. VI a.C. Possuíam «livros sagrados», atribuídos à revelação do deus Tagés e da ninfa Begoia e que utilizavam como guias em suas práticas divinatórias.

OS CIGANOS

A segunda notação exemplar do labor de quem hoje preiteamos prende-se à questão da origem dos ciganos, ou antes, da pista aberta pela filologia às pesquisas etnográficas e antropológicas, que concluí-

ram pelo acerto da investigação linguística. A vinculação ao nosso tema é pela tradição de magia que esse povo carrega.

Como é universalmente reconhecido, são dois os grandes ramos das línguas indo-europeias: o asiático e o europeu. Ao primeiro pertencem as línguas áricas ou arianas (índico e irânico), o tocárico e o hitita, que se dividem, por sua vez, em diversos sub-ramos.

Depois de percucientes análises, chegou-se à conclusão de que o substracto mais antigo e estrutural da língua cigana aponta para o índico. Trata-se de populações que habitavam o Noroeste da península indústânica. No começo do século V d.C. houve a diáspora para Ocidente e foram perdendo a noção de pátria de origem, passando a acatar sem contestação uma procedência egípcia que vulgarmente lhes era atribuída. Foi dessa radicação temporária no Egipto que lhes advieram os nomes com que na Europa ficaram conhecidos: no inglês, *gipsy*; no espanhol, *gitano*; no francês, *gitan*/*tsigane*/*zigane*; no alemão, *Zigeuner*; no italiano, *zingaro* (por *zingano*); no romeno, *zigan*; no turco, *cingian*. Todas são formas procedentes do latim *aegyptanu* (por *aegyptianu*). Os franceses chegaram a dar-lhes uma origem boémia, em memória de um tempo em que eles se apresentavam com cartas de recomendação do rei da Boémia.

O português *cigano* documenta bem esse trajecto histórico. Entrou em nossa língua pelo francês *tsigane*. Mas qual a origem primeira do termo? É certamente o grego bizantino *athynkanoi*, do verbo *athynkano*, 'tocar'. O significado originário será, conseqüentemente, levando em conta o alfa privativo, 'que não se pode tocar'. Documenta-se uma forma mais tardia: *atsynkanoi*. Com este nome designaram os historiadores bizantinos do séc. IX uma seita herética da Arménia, cujos membros evitavam contactos com pessoas não pertencentes à sua tribo e eram dados à magia. Quando, muito mais tarde, surgiu pela primeira vez na Europa, o nome assentou com perfeição àquelas populações nómadas entregues a um modo de vida característico e muito folclórico em seus trajes, código ético, hábitos de vida comunitária, práticas alimentares, jargão compósito e hermético para os estranhos, quase sempre de gírias exclusivamente vocabulares. Típico mesmo era o modo de viver e angariar o sustento: ledores da sina por quiromancia, vaticinadores do futuro, adivinhação e aconselhamento em problemas e situações pessoais, manipulação de sortilégios, músicos e artesãos de quinquilharia, pretensos detentores de forças ocultas. Muitos dedicavam-se a artes circenses tipo mambembe, sobretudo como prestidigitadores, comedores de fogo e saltimbancos.

No Brasil, para onde irradiaram no tempo da colonização, ficaram conhecidos em diversas regiões como *boémios*, *gitanos*, *calons*, *judeus*, *quicos*, etc., além do universal *ciganos*.

* * *

A título de consideração final, a magia, como dizíamos no início deste breve estudo, situa-se na fronteira indecisa entre os reinos do racional e do sobrenatural. A sua importância na vida dos homens provém do facto de ela intervir no transcurso dos fenómenos naturais, onde se exerce o seu ritualismo. É ela que procura captar as relações entre esses dois reinos. Porém, o carácter da magia é proeminentemente relativo. Sirvam de exemplo certos actos da medicina popular: aos olhos dos modernos especialistas, eles aparecem claramente como mágicos; todavia, aos olhos desses primitivos, as avançadas técnicas da medicina moderna só podem aparecer como gestos e práticas de magia, pois somente as compreenderão num contexto que, para eles, é totalmente sobrenatural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUDOLLENT, A. *Defixionum Tabellae*. Paris, Albert Fontemoing, 1904.
- BAYET, J. *Histoire politique et psychologique de la religion romaine*. Paris, Payot, 1969.
- BAYET, J. *Croyances et rites dans la Rome antique*. Paris, Payot, 1971.
- CUMONT, F. *Les religions orientales dans le paganisme romain*. Paris, Paul Geuthner, 1963.
- CUMONT, F. *Astrology and religion among the greeks and romans*. N. York, Dover Publications, 1912.
- DUMÉZIL, G. *La religion romaine archaïque*. Paris, Gallimard, 1966.
- FRAZER, J. G. *Le rameau d'or*. Paris, Robert Laffont, 1981.
- GHYKA, Matila. *Le nombre d'or, rites et rythmes pythagoriciens dans le développement de la civilisation occidentale*, 2 vols., Paris, Gallimard, 1931.
- GHYKA, Matila. *Philosophie et mystique du nombre*. Paris, Payot, 1952.
- HUBERT, H. «Magia», in *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg-Saglio-Pottier. Paris, 1877-1918.
- LE GLAY. «Magie et sorcellerie à Rome au dernier siècle de la République», in *Mélanges Heurgon*, pp. 525-550. Escola Francesa de Roma, 1976.
- LUCK, Georg. *Arcana Mundi: magic and the occult in the greek and roman worlds*. Recensão in *Echos du monde classique. Classical views XXX*, n. 5.6, 1987.
- MASSONNEAU, E. *La magie dans l'antiquité romaine*. Paris, Sirey, 1934.

MEDEIROS, Walter de Sousa. *Curso de Linguística Latina*, apostilas de aula. Universidade de Coimbra, 1964-1965.

NOCK, A. D. *Essays on religion and the ancient world*. Oxford, Clarendon Press, 1972.

RUIZ, E. García. «Estudio linguístico de las defixiones latinas no incluidas en el corpus de Audollent», in *Emerita*, 35, 1967.

TUPET, A. M. *La magie dans la poésie latine*. Paris, Les Belles Lettres, 1976.

Obs.: Não se mencionam os textos clássicos de Homero, Hesíodo, Ovídio, Cícero, Lucrécio, Virgílio, Séneca, etc., encontráveis em diversas edições.